

Zé do Burro e o fetiche da Liberdade capitalista: uma análise de O pagador de promessas de Dias Gomes

Leonne Bruno Domingues Alves¹

Resumo

Este trabalho pretende analisar a obra de ficção do escritor Alfredo de Freitas Dias Gomes, mais conhecido como Dias Gomes, *O Pagador de promessas*, publicada pela primeira vez em 1959, dando ênfase na personagem Zé do Burro. A partir da leitura e análise da obra pretendo expor como a personagem Zé do Burro é constituída e, como, a partir dele, e de sua representação simbólica, o autor apresenta o fetiche da liberdade capitalista na obra.

Palavras-chave: Sociologia. Literatura. Pagador de promessas. Zé do Burro. Fetiche.

Abstract

This paper discusses the work fiction of writer Alfredo de Freitas Dias Gomes, better known as Dias Gomes, *O pagador de promessas*, first published in 1959, emphasizing the character Zé do Burro. From the reading and analysis of the work I present as the character Zé do Burro is formed and as from it, and its symbolic representation, the author presents the fetish of capitalist freedom in the work.

Keywords: Sociology. Literature. Pagador de promessas. Zé do Burro. Fetish.

Literatura, Sociologia e Filosofia

A literatura, do latim *littera*, pode ser encarada, tolamente, apenas como a capacidade de escrever bem. Contudo, para Antônio Cândido (2010) a Literatura tem aspectos histórico-sociais e ideológicos que adentram o texto fazendo da literatura uma espécie de sociologia com a subjetividade do autor. Para Sartre (1989) a literatura guarda uma relação fenomenológica com o escritor: o que escreve? E por que se escreve? E para Andrade (2013), em *Diálogos filosóficos com Benedito Nunes*, a literatura, ou o texto, promove um encontro entre a subjetividade do autor, a subjetividade do texto e a subjetividade do leitor. Podemos, portanto, afirmar que a Literatura é uma arte criadora, através da qual é possível transcender a realidade para falar da própria realidade e de si mesmo. A obra, *O pagador de promessas*, do escritor Dias Gomes, é aqui analisada como uma dessas artes criadoras que utiliza da Literatura para transcender a realidade, e a análise e alegorias aqui desenvolvidas é um desses encontros entre a subjetividade de um leitor da obra – o autor deste artigo – a subjetividade da obra e a subjetividade do autor.

¹ Graduado em Ciências Sociais - Antropologia, pela Universidade Federal do Pará. - Discente de especialização em Agricultura Familiar e Desenvolvimento Agroambiental na Amazônia (UFPA).

Obras de diversos autores são objetos de análises sociológicas e filosóficas (Machado de Assis, Sartre, Kafka, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa, Shakespeare, e muitos outros). No Brasil, as críticas e análises literárias concedem, sobretudo, a Euclides da Cunha e a Guimarães Rosa o status de literaturas sociológicas, segundo Leonel e Sagatto (2009), devido à grande densidade de elementos da realidade dos sertões.

A densidade dos detalhes e da descrição de *Os Sertões* de Euclides da Cunha transformam-no em um literário, um homem de ciência, um geográfico e um etnográfico. A obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* é encarada como um ensaio sobre as relações sociais, linguísticas e míticas dos sertões brasileiros (LEONEL; SAGATTO, 2009). Essas qualidades elevam a obra desses autores para além da classificação de textos de literatura.

A filosofia e a literatura são encaradas pelo Filósofo Gilles Deleuze, segundo Abreu Filho (2008) como criadoras de conceitos. A literatura, sobretudo o teatro, seriam para Deleuze, de acordo com Vasconcellos (2008), uma forma de levar o filósofo a um novo pensamento. Existiria para Deleuze um teatro filosófico.

No livro *o que é filosofia?* (2010) Deleuze desenvolve o conceito de personagem conceitual, que seria o elemento que liga o caos ao pensamento, é o sujeito da filosofia, o representante do filósofo. Os personagens possuem relação, dinâmica, existência. Mesmo a arte é capaz de criar esses personagens conceituais, que aguçariam o pensamento do filósofo.

O personagem conceitual não é o representante do filósofo, é mesmo o contrário: o filósofo é somente o involucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de sua filosofia. Os personagens conceituais são os heterônimos do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo de seus personagens. (DELEUZE, 2010, p. 78).

Muito se pode falar de obras como *Os Sertões* (1985) de Euclides da Cunha e *Grande Sertão: veredas* (2001), de Guimarães Rosa, o que dizer de *O pagador de Promessas* de Dias Gomes, com todas as suas questões sociais implícitas que inundam sua trama? *O pagador de Promessas*, é verdade, não é tão rico em detalhes sobre a vida dos interioranos ou sobre suas mitologias, mas, o que dizer sobre a constituição psicológica das personagens, suas representações simbólicas e a realidade que Dias Gomes procura desvelar e criticar?

Figurando dentro da literatura contemporânea, Dias Gomes, traz um realismo não convencional, que se distancia do mimetismo do século XIX; contudo, esse distanciamento da tradicional escola realista não o faz abandonar a alegoria, segundo Novaes (1995), mas o contrário, “Deve fazer do projeto literário uma reflexão sobre uma realidade, ampliando o seu significado do singular e individual para a pluralidade e o universal” (NOVAES, 1995, p. 70).

Após o fim do realismo com a semana da arte moderna em 1922, a literatura se volta para as conquistas e consequências da chamada modernidade, do desenvolvimento; entretanto, as obras literárias não deixaram de ver o real como seu subsídio criador, a ficção é a forma encontrada para trabalhar a realidade.

Dias Gomes é um desses autores; neo-realista ou pós-moderno, o fato é que a obra de Dias Gomes expõe uma realidade experienciada, não apenas pelo autor, mas a realidade coletiva de um sistema de produção precarizador do homem que lhe amputa a liberdade e apresenta como escolha apenas o simulacro² da sociedade do espetáculo³.

O pagador de promessas

Alfredo de Freitas Dias gomes, o Dias Gomes, foi romancista, contista e teatrólogo. Nascido em Salvador, em 19 de outubro de 1922, aos 10 anos escreveu seu primeiro conto, *As aventuras de rompe-rasga*, e, aos 15, sua primeira peça, “A comédia dos moralistas”, que venceu o concurso promovido pelo Serviço Nacional de Teatro e pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Várias de suas obras foram censuradas pela ditadura militar por apresentarem forte conteúdo político. Entre suas obras mais conhecidas, estão *O Bem-Amado*, *O pagador de promessas* – Obra que, aqui, pretendemos analisar – e *o Berço do Herói*.⁴

Escrita em 1959 e publicada pela primeira vez em 1961, *o pagador de promessas* traz, em três atos, a história de Zé do Burro, um homem humilde do interior da Bahia, que faz a promessa à Santa Bárbara, em um terreiro de candomblé, de que levaria uma cruz tão pesada quanto a de Cristo até a capela de Santa Bárbara, se ela, a santa, curasse seu burro, Nicolau. A graça é alcançada. Contudo, depois de percorrer 60 léguas Zé é impedido, por padre Olavo, de cumprir sua promessa, devido tê-la feito em um terreiro de candomblé.

Zé do Burro é a personagem central da obra de Dias Gomes com a qual todas as outras personagens se relacionam – Rosa (sua esposa), Bonitão (o sedutor que quer roubar-lhe a esposa);

²O conceito de simulacro foi pensado por Jean Baudrillard (1929-2007), embora tenha sido usado por outros pensadores como os da escola de Frankfurt. O simulacro seria um estado replica tão perfeito que a distinção entre o original (o real) e a cópia (a imagem do distorcida do real) é quase impossível de ser feita. Para Baudrillard, devido a influência da mídia na vida cotidiana, o mundo em que vivemos seria um mundo-cópia (BAUDRILLARD, 1981).

³A sociedade do espetáculo de Guy Debord, lançado em 1967, é uma crítica a sociedade capitalistas e suas imagens, que Debord afirma serem instrumentos de dominação para introduzirem a aceitação do sistema capitalista. De perspectiva marxista Guy Debord critica veementemente o fetiche da mercadoria. A sociedade do espetáculo em Guy Debord é a sociedade que apenas contempla passivamente e alienadamente a dominação do sistema capitalista.

⁴Adaptado da nota sobre o Autor (Dias Gomes), presente no livro *O pagador de promessas* da editora Bertrand Brasil, 2014.

Marli (que é dominada por Bonitão) Padre Olavo (quem lhe impede de entrar na igreja de Santa Bárbara), Beata (que o recrimina), Sacristão (que apenas acata as ordens do padre), Guarda (que se preocupa apenas com seu prestígio), Galego, Dedé Cospe-Rima e Minha Tia (que usam do infortúnio Zé do Burro para lucrarem), Repórter e fotógrafo (que querem se promover promovendo Zé do Burro), Secreta e Delegado (que desconfiam de Zé do Burro e desejam prendê-lo), Monsenhor (que colabora com o padre para que Zé do Burro não entre na igreja), e Mestre Coca, Manuelzinho Sua Mãe e Roda de Capoeira (que querem ver o desfecho da história).

A obra o pagador de promessas é dividida em três atos e cinco quadros; dois quadros no primeiro ato, dois quadros no segundo ato, e um quadro no terceiro ato. No primeiro quadro do primeiro ato, as cenas acontecem na frente as escadarias da igreja de Santa Barbara. Os personagens que ai interagem são Bonitão, Marli, Zé do Burro e Rosa. O Primeiro quadro trata da chegada de Zé do Burro e Rosa, ainda de madrugada, às escadarias da igreja de Santa Bárbara. A cena seguinte é a entrada de Bonitão e Marli, que discutem sobre um montante de dinheiro fruto do trabalho de Marli. Na próxima cena temos apenas Zé, Rosa e Bonitão, eu começa a tirar vantagens da promessa de Zé para 'seduzir' Rosa. O segundo quadro, do primeiro ato, inicia-se com Zé do Burro dormindo nas escadarias e sendo acordado por Bonitão. Nas cenas seguintes, acontece o primeiro encontro de Zé com Padre Olavo. Ao ser questionado sobre o motivo da Cruz, Zé do Burro tenta convencer padre Olavo da sinceridade e da fidelidade religiosa de sua promessa a Santa Barbara, feita em favor de seu melhor amigo, o burro Nicolau. O primeiro ato se encerra com a decisão de padre Olavo de não deixar Zé do Burro cumprir sua promessa.

O segundo ato inicia seu primeiro quadro com a inserção de novos personagens. As cenas se passam ainda pela manhã. Entram em cena Minha Tia, Galego e Dedé Cospe-Rima que ficam admirados e especulando as razões de haver um homem e uma cruz no meio da praça em frente a igreja. Na próxima cena temos a chegada do guarda que tenta convencer Zé do Burro a sair de lá, ou convencer o Padre a deixa-lo entrar, porém, o Guarda é mais propenso a evitar o dever que cumpri-lo. Aparecem então o Repórter e o Fotógrafo que veem em Zé a oportunidade de conseguirem um furo de reportagem para seu jornal, e para isso distorcem a verdade sobre Zé do Burro, transformando-o num revolucionário da reforma agrária. Neste mesmo quadro há, ainda, um novo encontro, contudo, não amigável, entre Bonitão, Rosa e Marli, e o quadro se encerra sugerindo que Zé descobrira a traição de Rosa. No segundo quadro surgem as figuras de Mestre Coca, e Monsenhor, e Secreta. Monsenhor, representante maior da igreja é quem está lá para rever o caso de Zé, porém, na condição de fazê-lo desistir de sua promessa.

O último Ato, se inicia com uma roda de capoeira, e já há na trama de Dias Gomes um clima tenso. Com a praça cheia, há uma aposta entre Galego, Mestre Coca, e Dedé Cospe-Rima sobre o destino de Zé do Burro, se entra ou não na igreja. O Secreta convencido por Bonitão e pelo jornal do Repórter, ameaça prender Zé do Burro. A confusão se generaliza, e o terceiro ato e a trama se encerram com a morte de Zé do Burro.

O Burro transformado em Cruz: Alegoria sobre o universo de escolhas de Zé do burro

Figura marcante na trama de O pagador de promessas, Zé do burro é a personagem para a qual Dias Gomes converge todas as outras personagens com o intuito de desenvolver o seu projeto literário dentro do texto. Entretanto, quem é Zé do Burro e os elementos que o constituem (o burro e a cruz)?

Ao contar os motivos que o levaram a fazer a promessa de carregar a cruz até a igreja de Santa Bárbara, Zé do Burro introduz uma nova figura, que ainda que não seja uma personagem, desempenha um papel importante na compreensão da trama, o burro Nicolau. De acordo com Zé do Burro, Nicolau o seguia para onde fosse, motivo pelo qual ficou conhecido por Zé do Burro.

A primeira vez em que o burro é mencionado é no segundo quadro, na explicação dada ao padre Olavo sobre o porquê de estar com a cruz em frente à igreja⁵:

ZÉ

Nada disso, seu Padre. Promessa é promessa. É como um negócio. Se a gente oferece um preço, recebe a mercadoria, tem que pagar. Eu sei que tem muito caloteiro por aí. Mas comigo, não. É toma lá, dá cá. Quando **Nicolau** adoeceu, o senhor não calcula como eu fiquei.” (GOMES, 2014, p. 55).

Mais adiante, após a recusa do padre em lhe deixar entrar na igreja acusando-o de heresia, Zé do Burro diz:

ZÉ

(Angustiadamente tenta explicar-se) Padre, é preciso explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...” (GOMES, 2014, p. 63).

⁵ Os diálogos foram selecionados e recortados de acordo com o propósito desta análise.

Zé do Burro alcançou a graça de o burro Nicolau ter sido curado, contudo, o burro Nicolau, que sempre o seguia, e após ser curado havia voltado a sua posição de ‘amigo’ seguidor, não o seguiu durante sua peregrinação até a igreja de Santa Bárbara. O que pergunto é porquê o burro, que não largava Zé por nada, e nem Zé saía sem o burro, não o acompanhou até a igreja de Santa Bárbara? Por quê Zé do Burro parece não se incomodar de ter deixado o burro Nicolau tanto tempo sozinho se eles eram inseparáveis? Essas perguntas levantam um outro questionamento que é: Quem é o burro Nicolau?

Partindo do conceito de Personagem conceitual e da noção de amigo em Deleuze, podemos fazer um paralelo entre o burro Nicolau e o que neste trabalho apontarei como o universo de escolhas político-ideológicas de Zé do burro. O burro Nicolau, o “amigo”, tão inseparável de Zé do Burro ao ponto de servir de alcunha a zé, “Zé-do-Burro”, representaria, então, na peça de Dias Gomes, não um quadrúpede por quem se sente afeto, mas sim, todo o universo de escolhas político-ideológicas de Zé. Por isso Zé é o Zé-do-Burro, o zé de todo esse universo de escolhas.

Gilles Deleuze no livro *O que é filosofia?* (2010) introduz uma reflexão sobre o Amigo, para tratar dos conceitos, a partir da etimologia da própria palavra filosofia. Para este filósofo ao introduzir o “amigo” na filosofia grega, o amigo se torna um personagem conceitual, que transcende a relação com o outro.

Amigo designaria uma certa intimidade competente, uma espécie de gosto material e uma potencialidade, como aquela do marceneiro com a madeira: o bom marceneiro é, em potência, madeira, ele é o amigo da madeira? A questão é importante, uma vez que o amigo tal como ele aparece na filosofia não designa mais um personagem extrínseco, um exemplo ou uma circunstância empírica, mais uma presença intrínseca ao pensamento, uma condição de possibilidade do próprio pensamento, uma categoria viva, um vivido transcendental. (DELEUZE, 2010, p. 09).

Mais adiante, ainda sobre quem seria, agora, esse Amigo, ou Amante da filosofia, Deleuze diz:

Que quer dizer amigo, quando ele se torna o personagem conceitual ou condição para o exercício do pensamento? ou então amante, não seria antes amante? E o amigo não vai reintroduzir, até no pensamento, uma relação vital com o Outro que se tinha acreditado excluir do pensamento puro? Ou então, ainda, não se trata de alguém diferente do amigo ou do amante? Pois se o filósofo é o amigo ou o amante da sabedoria, não é por que ele aspira a ela? Nela se empenhando em potência, mas do que a possuindo em ato? (DELEUZE, 2010, p. 09).

Zé do burro não menciona, de início, quem (o burro) é seu amigo; ele apenas diz que fez a promessa de levar a cruz por seu melhor amigo, que não é um burro qualquer: “Padre, é preciso

explicar que Nicolau não é um burro comum... o senhor não conhece Nicolau, por isso... é um burro com alma de gente...” (GOMES. 2014, p. 63)

Retomando o conceito de personagem conceitual de Deleuze, já mencionado acima, é possível traçarmos um paralelo, onde o burro é a sua marca, tal qual o *cogito* é de *Descarte* (cogito de Descarte) o Zé é do burro (Zé do burro). Diante dessa justaposição de elementos afirmo minha sugestão de que o burro é potencialmente Zé, assim como seu retorno sobre si também é verdadeiro, Zé é potencialmente o Nicolau, logo, Zé é potencialmente – e portanto, também representaria enquanto potência⁶ – todo o universo de escolhas que o burro representa. Assim, Zé do burro, enquanto personagem conceitual, para esta análise, se torna um pensador como diz Deleuze, pois assim como se faz necessário indagar sobre um personagem conceitual que gagueja na literatura: “qual é esse pensamento que pode gaguejar?” (DELEUZE, 2010, p. 84), em o pagador de promessas se faz necessário perguntar qual é esse tipo de pensamento que pode ser do burro?

Não obstante, como diz Deleuze, se há amigos - um amigo e um Outro à quem se pretende – é preciso pensar também seus rivais. Os rivais, são, pois, os falsos amigos, os simulacros. Diz Deleuze sobre isso:

Sabemos, todavia, que o amigo ou o amante como pretendente não existe sem rivais...O marceneiro aspira à madeira, mas se choca com o guarda florestal, com o lenhador, com o carpinteiro, que dizem: sou eu, sou eu o amigo da madeira. Se se trata de cuidar dos homens, há muitos pretendentes que se apresentam como amigo do homem: o camponês que o alimenta, o tecelão que o veste, o médico que dele cuida, o guerreiro que o protege... A rivalidade culmina naquela entre o filósofo e o sofista, que disputam os despojos do velho sábio; mas como distinguir o falso amigo do verdadeiro, e o conceito do simulacro? (DELEUZE. 2010, p. 15).

Na obra de Dias Gomes são muitos, também, os que se apresentam e são apresentados como amigo de zé do Burro: Bonitão que quer ajudar a tomar conta de uma de suas cruces, Monsenhor e o Padre Olavo que lhe oferecem uma chance de se arrepender e voltar ao seio da Santa Igreja, o Repórter que até o cumprimenta “Olá, amigo”. O secreta que lhe é apresentado e lhe dá um conselho “como amigo”, Dedé Cospe-Rima que se oferece para fazer a ‘história’ do padre para que ele abra a porta, Galego e Minha Tia que o alimentam... Todos apresentam-se em algum momento para ajudar, para serem amigos, contudo, o único amigo que Zé do burro reconhece é o burro Nicolau; sobre os outros pretendentes a amigo, Zé do Burro diz ironicamente:

“Zé

⁶Embora o termo potência seja em sua essência nietzschiano, ligado ao conceito de Vontade de potência, o uso que se faz aqui é a partir da releitura que o filósofo Gilles Deleuze faz dele e o apresenta na sua obra O que é filosofia (2010).

Amigo. Já vi que estou cercado de amigos. É amigo por todo o lado. Cada um querendo ajudar mais que o outro.” (GOMES, 2014, p.109)

Nenhum deles pode se ligar a Zé do Burro, ele já está conectado ao burro Nicolau, ele já é o Zé (pagador de promessas) do Burro.

Ao compreender quem é Nicolau – como representação (o universo de escolhas feitas por Zé do burro) e em potencialidade (o próprio Zé do burro) – percebemos que ele, Nicolau, não deixa de seguir Zé do Burro, mas o contrário, segue com ele todo o percurso até a igreja de Santa Bárbara. Mas como? Ou melhor, em que forma? Transfigurado em cruz.

Porquê sugiro que o autor, Dias Gomes, transforma o burro em cruz na obra O pagador de promessas? O que me faz sugerir, em primeiro lugar, é o fato do burro não o está acompanhando durante sua peregrinação. Segundo, ao contar sua história com o burro, Zé revela que o que chamava atenção dos outros (a ponto de o burro se tornar sua assinatura) era a sua relação com burro, e na cidade a relação de Zé do Burro com a cruz é o que chama a atenção de todos que o vêm inseparável da cruz, tal qual era com o burro. Terceiro, na morte, podemos dizer que Zé do Burro se realiza enquanto potência, crucificado, transformado em cruz, ele realiza a sua vontade.

Acredito que Se Dias Gomes fizesse aparecer na trama de O Pagador de promessas a figura do burro e da cruz conjuntamente, Zé do Burro com a cruz e o burro do lado, ele não poderia alcançar a crítica a que se pretende, que é o tema central da obra, a crítica ao “mito da liberdade capitalista” – mais a frente analisaremos como isso se dá na obra de Dias Gomes – mas permaneceria nas linhas que utiliza como tela, que é a querela entre o sagrado monolitismo da igreja e o profano sincretismo popular, com um fim trágico. Por outro lado, transfigurando o burro em cruz, Dias Gomes faz de Zé do Burro um personagem conceitual, um mediador, entre o projeto literário, o autor, e o expectador/leitor da peça.

Sua transformação, salvas as diferenças de forma e estética entre o teatro e o cinema, é semelhante ao osso que, lançado para o alto, se transforma em nave espacial no início de 2001: uma odisséia no espaço (1961)⁷. Contudo, como no teatro a forma, as imagens, e a linguagem são diferentes, a transformação do burro em cruz se dá através da promessa que é feita, é ali que a representação, o simbolismo, do burro passa para a cruz. Dias Gomes esclarece isso ao fazer Zé do Burro contar por quê, e por quem, fez a promessa.

⁷ As alegorias traçadas por mim neste trabalho não estão objetivadas por Dias Gomes na obra O pagador de promessas, não obstante, o argumento aqui defendido é fruto do encontro de subjetividades que menciono anteriormente, a subjetividade do leitor, do texto e do autor.

Por onde passava, e quem por ele passava, não deixavam de notar Zé do Burro, agora “Zé da cruz”. Bonitão é o primeiro a se mostra intrigado com a cruz, e até a acha gozada. Depois a beata e o sacristão que a estranham. O Padre que a considera motivo de perdição. O Repórter que vê nessa estranha relação um furo de reportagem. Nenhum deles conhece a história do burro de Zé, e zé do Burro aqui é conhecido pela sua relação com a cruz, tal como era com o burro. E isso se expressa nas falas de Mestre Coca: “Me disseram que tinha aqui um homem querendo entrar na igreja com uma cruz e o Padre não queria deixar...” (GOMES, 2014, p.100).

“MANOELZINHO

Tinha ido lá pro mercado, pensando que ia ser lá a vadiação. Lá me disseram que tinha vindo todo mundo pra cá...

COCA

Por causa do homem da cruz.” (GOMES, 2014, p. 130)

A cena da morte de Zé do Burro é simbólica de muitas formas. Após o tiro que ceifa sua vida, Zé do Burro é colocado pelos capoeiristas em cima da cruz, e apenas assim, fundido simbolicamente com a cruz e o burro, ele pode realizar seu intento. Este fim, também, representa a realização de Zé do burro como personagem, toda a sua potência como personagem se faz aparecer quando com o seu fim, ele se torna o que ele escolheu ser: o pagador de promessas.

Zé do Burro e o fetiche da liberdade capitalista

Nossa análise, até aqui, segue pelas linhas e entrelinhas do texto, pelos símbolos e “entresímbolos” Portanto, há ainda um aspecto de Zé de burro que preciso sugerir como interpretação, que é a relação do Zé do Burro com Dias Gomes.

Poderiam facilmente sugerir que Zé do Burro é o inconsciente de Dias Gomes, contudo, não creio que esta análise possa dar conta do projeto literário que a obra o pagador de promessas representa. Como diz Andrade (2013):

A Literatura enquanto crítica literária possui duas vertentes conexas. São essas: o discurso de representação da subjetividade do narrador e provavelmente do leitor, enquanto crítico literário; e prática de investigação teórica das formas concretas particulares, ou seja, das obras em que esse discurso se produz.” (ANDRADE, 2013, p. 28).

Para o filósofo Benedito Nunes, segundo Andrade (2013), a crítica literária deve estar interessada na subjetividade como objeto de sua investigação, pois, os autores fazem uso de um saber

ficcional que pode estar relacionado com a realidade. Sobre Benedito Nunes, Andrade diz que “A linguagem literária torna-se instrumento de comunicação que promove elos de entendimento e de discernimento intersubjetivo e o intrassubjetivo” (Andrade. 2013, p. 31). Logo, sugerimos que o texto literário do teatro, antes de ser reflexo do inconsciente do autor, é o reflexo da sua consciência, ainda que tenha muito do inconsciente deste.

Segundo Gilcia Gil Beckel:

Da literatura, a psicanálise toma referências, exemplos, extrai características que traçam o perfil de um autor, e por meio dela enriquece a própria teoria. Igualmente, a psicanálise oferece aos literatos a oportunidade de utilizar novas metáforas, de aprofundar o processo de criação, de liberação do inconsciente. (BECKEL, 2004, p 02).

Não faremos, deste ponto em diante, uma análise psicanalítica, mas precisamos salientar que toda a nossa análise da subjetividade do autor e da obra é um fator importante. Deste nosso ponto de vista, Zé é menos o inconsciente de Dias Gomes que sua consciência. Na nota do Autor, da 3ª edição, da editora Bertrand Brasil, Dias Gomes afirma que

O pagador de promessas surgiu, principalmente, dessa consciência que tenho de ser explorado e impotente para fazer uso da liberdade que, em princípio, me é concedida. Da luta que travo com a sociedade, quando desejo fazer valer o meu desejo de escolha, para seguir meu próprio caminho e não aquele que ela me impõe. Do conflito interior em que me debato permanentemente, sabendo que o preço da minha sobrevivência é a substituição total ou parcial (GOMES, 2014, p. 16).

Zé do Burro não é o inconsciente do autor, Dias Gomes, pois, intencionalmente a obra representa um propósito, um projeto literário; tão pouco Dias Gomes é a consciência de Zé do Burro, ainda que as ações da personagem sejam pensadas pelo autor. O que sugiro ocorrer é que o inconsciente da personagem Zé do Burro é a consciência de Dias Gomes. Este é o encontro da intersubjetividade do autor com a obra, e do intrassubjetivo da obra/autor com o leitor.

Segundo Dias Gomes sua obra é uma crítica a ilusão da liberdade capitalista. Mas como essa crítica aparece na obra? Como mencionamos acima, a obra surgiu da consciência de Dias Gomes de ser explorado e impotente para fazer suas próprias escolhas. Zé do Burro é o personagem excêntrico da peça; Zé tem uma missão e não a abandona até que a cumpra. Neste trabalho sugerimos nossa interpretação de que o burro Nicolau representa um universo de escolhas de Zé, por isso é o Zé-do-Burro, zé desse universo de escolhas. Mas qual universo de escolhas é esse?

O universo de escolhas político-ideológicas de Zé do Burro é um (qualquer) contrário ao sistema capitalista. Não sugerimos aqui que seja o socialismo ou o anarquismo, embora, estas duas suposições apareçam na obra, porém, isso não fica claro na personagem. Zé do Burro é chamado de anarquista, alguém que promove a agitação social, e é comparado a um socialista a favor da reforma

agrária. Se analisássemos as duas personagens – que atribuem ao comportamento de Zé do Burro os rótulos de Socialista em favor da reforma agrária e anarquista – o Repórter e o Secreta, do ponto de vista da psicanálise freudiana, poderia sugerir o uso do mecanismos de projeção⁸ como proteção do Ego. Sendo assim, o Repórter na sua ânsia por um furo de reportagem projeta seu desejo em Zé do Burro, vendo-o conscientemente e principalmente inconscientemente como um socialista em favor da reforma agrária. O Secreta, igualmente ao Repórter, poderia projeta em Zé do Burro, na sua angústia de encontrar um ‘terrorista’ do qual proteger a todos, o anarquista. Vemos nos outros aquilo de que desejamos, e para tal interpretação destaco as seguintes falas:

REPÓRTER

Hum... bem me pareceu que por trás dessa história do burro, da promessa, havia qualquer coisa... uma intenção oculta e um objetivo político. A polícia, naturalmente, percebeu também.

[...]

REPÓRTER

(Sorri, descrente) É claro que a senhora não vai dizer. Nem ele também Mas podem contar comigo e com o meu jornal. Se ele for preso, daremos toda a cobertura. Abriremos manchetes na primeira página. Será uma maravilha para ele!” (GOMES, 2014, p.142)

“SECRETA

O senhor sabe que suas ideias são muito perigosas?

ZÉ

Perigosas?

SECRETA

O senhor não devia dizer isso no jornal. E muito menos aqui, em praça pública. Porque isso pode lhe dar muita aporrinhção.

SECRETA

Eu mesmo ouvi ele dizer que ia jogar uma bomba. Todo mundo aqui é testemunha!” (GOMES, 2014, p. 108; 150).

Obviamente a postura de zé do Burro em favor dos pobres revela muito de sua posição e escolhas políticas inconsciente (este inconsciente é a consciência do autor). Quando o repórter pergunta se Zé é a favor da reforma agrária, ainda que não saiba o que isso significa, Zé diz ser a favor de que as terras improdutivas sejam distribuídas a quem quer trabalhar na terra.

REPÓRTER

Repartir o sítio...Diga-me o senhor é a favor da reforma agrária?

Zé

(Sem entender) Reforma agrária, que é isso?

REPÓRTER

⁸ Projeção é um conceito freudiano que aparece pela primeira vez em 'Sobre os fundamentos para se destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia” (1996), sendo a projeção um dos mecanismos de defesa do indivíduo acometido por um tipo de neurose que Freud ai chamou de a Neurose da Angústia, onde o sistema nervoso entra num estado afetivo de angústia e a psique se torna incapaz de estancar esse estado de excitação provocado pela frustração da angústia, daí então o indivíduo projeta essa excitação para fora.

É o que o senhor acaba de fazer em seu sítio. Redistribuição de terras entre os lavradores pobres.

ZÉ

E não estou arrependido, moço. Fiz a felicidade de um bocado de gente e o que restou pra mim dá e sobra.

REPÓRTER

(Toma notas) É a favor dos sem-terra.⁹

ZÉ

É bem verdade que se meu burro não ficasse doente eu não tinha feito isso

REPORTER

Mas, e se os sem terras resolvessem se apossar das terras não cultivadas?

ZÉ

Ah, era muito bem feito. A terra deve ser de quem trabalha¹⁰ (GOMES, 2014, p. 82-83).

A atitude de Zé do Burro não causa espanto apenas no Repórter, Bonitão é o primeiro a ironizar a atitude de Zé do Burro, comparando-o a santo, e Rosa a primeira personagem indignada por essa atitude.

BONITÃO

(Algo interessado) Ele tem um sítio, é?

ROSA

Tinha, agora tem só um pedaço. Dividiu o resto com os lavradores pobres.

BONITÃO

Por quê?

ROSA

Fazia parte da promessa.

BONITÃO

Que é que está esperando? Virar santo? (GOMES, 2014, p. 40).

Zé do Burro na trama de Dias Gomes é o personagem que enfrenta o sistema, enfrenta a partir de sua resignação em ser ele mesmo; Zé do burro não cede. Inicia a peça Zé do Burro e morre como tal. Bonitão, por outro lado, é como que seu oposto, não representa o sistema, apenas mais uma peça dele, contudo, Bonitão é a representação do universo de escolhas que o sistema capitalista oferece. Bonitão pergunta a Marli, uma de suas garotas, quando esta resolve requerer um dinheiro fruto de seu trabalho, se ela está virando comunista. Bonitão afirma ainda possuir ‘qualidades’, e que por isso merece o melhor.

⁹Esta fala do repórter aparentemente foi alterada para parecer mais atual, haja vista a não existência do movimento Sem-terra no momento em que a obra fora escrita. Em outra edição, da editora Ediouro, 2002, o repórter toma a seguinte nota: *É a favor da reforma agrária*. Esta mesma fala é utilizada no filme O pagador de promessas de 1962.

¹⁰ Estas últimas duas falas, a do repórter e a de Zé, em outra edição, Ediouro, 2002, e também no filme de 1962, são diferentes. Na Edição de 2002, da Ediouro, segue o seguinte diálogo: **REPÓRTER:** Mas, e se todos os proprietários de terra fizessem o mesmo. Se o governo resolvesse desapropriar as terras e dividi-las entre os camponeses? **ZÉ:** Seria muito bem feito. Cada um deve trabalhar o que é seu. **REPÓRTER:** (Ofensiva) É contra a exploração do homem pelo homem. O senhor pertence a algum partido político?

Poderíamos entender que esse universo de Bonitão faz Rosa ceder, contudo Rosa nunca esteve no mesmo universo que Zé do Burro, muito antes de Bonitão, Rosa já havia cedido ao materialismo cotidiano e suas formas de ver o mundo. Isso nos é revelado na conversa de Rosa com Bonitão, e os motivos que a levaram a casar-se com Zé do Burro.

ROSA

(Depois de um tempo) Gostava, sim. Sabe, na roça, o homem é feio, magro, sujo e mal vestido. Ele até que era dos melhores. Tinha um sítio... (GOMES, 2014, p. 40).

Zé do Burro recusa toda e qualquer ajuda ou oferta de conforto oferecida, por qualquer personagem, que vá de encontro a sua escolha ou promessa, diferentemente de Rosa, que deseja entregar-se ao sistema de corpo e alma. Zé do Burro recebe ofertas de conforto do Repórter que lhe quer tirar proveito, mas recusa; recebe oferta de alimento de Galego e Minha Tia, também recusa; recebe oferta de ajuda de Dedé Cospe-Rima, e também recusa.

A cruz e a escolha de Zé do Burro deixam de ser objetos de espanto e revolta quando o sistema encontra uma forma de usa-los a seu favor. O primeiro a fazer isso é Bonitão, que usa a cruz para ficar a sós com Rosa e a 'seduz'. Rosa se aproveita que Zé não se separa da cruz para ir ver Bonitão. Galego, o Repórter, Guarda e Dedé Cospe-Rima querem se promover a partir da situação de Zé do burro. Minha Tia aproveita a situação para vender. Todas estas personagens representam peças na engrenagem da máquina capitalista, são formas de alienação do indivíduo na sociedade capitalista. É a partir do processo de alienação, que consiste, para Marx (2008), na falta de consciência do indivíduo de que sua força de trabalho lhe é expropriada em detrimento do acúmulo de capital por parte do capitalista, que essas personagens expropriam de Zé do Burro sua liberdade. A escolha de Zé de Burro é, agora, aproveitada pelo sistema para fazer o próprio sistema funcionar. Existe um conjunto de imagens da qual a sociedade do espetáculo faz uso para alienar o indivíduo mostrando apenas o que é "bom", contudo, essas imagens (Bonitão, Rosa, Galego, repórter, Guarda, Dedé Cospe-Rima, Monsenhor etc.) estão a todo o momento trabalhando para que os indivíduos alvos de suas manipulações se identifiquem com a sociedade capitalista, a alienação é o meio pelo qual se tenta prender o indivíduo a sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997).

Aparentemente Zé tem escolhas diferenciadas para evitar sua sina, entretanto, isso é um fetiche criado pelo sistema capitalista, e Dias Gomes expõe isso a partir das diversas soluções oferecidas a Zé do Burro. Minha Tia propõe a Zé do Burro que esqueça de entregar a cruz na igreja, mas que a entregue no terreiro onde tem uma imagem de Iansã "que é a mesma coisa". O Delegado e o Secreta que oferecem a oportunidade de ir embora em paz. Rosa que pede para ir embora.

Contudo, dos diálogos da obra o mais significativo neste aspecto é de Monsenhor, o Padre, e Zé do Burro.

MONSENHOR

Venho aqui a pedido de Monsenhor Arcebispo. S. Excia. Está muito preocupado com o vulto que está tomando este incidente e incumbiu-me, pessoalmente, de resolver a questão. A fim de dar uma prova da tolerância da igreja para com aqueles que se desviam dos cânones sagrados...

ZÉ

(Interrompe) Padre, eu sou católico. Não entendo muita coisa do que dizem, mas queria que o senhor entendesse que eu sou católico. Pode ser que eu tenha errado, mas sou católico.

MONSENHOR

Pois bem. Vamos lhe dar uma oportunidade. Se é católico, renegue todos os atos que praticou por inspiração do Diabo e volte ao seio da Santa Madre Igreja.

ZÉ

(Sem entender) Como, Padre?

MONSENHOR

Abjure a promessa que fez, reconheça que foi feita ao Demônio, atire fora essa cruz e venha, sozinho, pedir perdão a Deus.

ZÉ

(Cai num terrível conflito de consciência)

O senhor acha mesmo que eu devia fazer isso?!...

MONSENHOR

É sua única maneira de salvar-se. A igreja católica concede a nós, sacerdotes, o direito de trocar uma promessa por outra. (GOMES, 2014, p. 113-114).

Para o autor a obra não é uma crítica a igreja, mas uma crítica a falsa liberdade, por isso, Dias Gomes diz que Olavo, o padre, poderia ser policial ou juiz. A igreja, na obra de Dias Gomes representa a opressão universal do sistema capitalista sobre os indivíduos que optam por caminhos diferentes. O sistema não oferece a Zé do Burro uma escolha, não obstante, oferece as escolhas do próprio sistema. O fetiche em Marx (2008), quando este trata da mercadoria, esconde as relações de produção, as relações entre o capitalista e o proletário, que são as relações que verdadeiramente geram valor. Na obra O pagador de promessas o fetiche esconde a coerção da organização social capitalista sobre o indivíduo, fazendo-o crer que ele é livre para escolher. Entretanto, Dias Gomes mostra que quem luta contra essa pressão do sistema acaba esmagado. Esse é o processo de formação da consciência dos homens no Estado capitalista, no qual o poder está nas mãos de quem detém os meios de produção material e de produção intelectual – e reprodução da organização social (MARX; ENGELS, 1998). Dessa forma as relações sociais (materiais) de dominação (o poder da igreja na figura do Monsenhor e do Padre, o poder da imprensa na figura do repórter) são expressas por pensamentos de dominação, como o poder da igreja na obra de Dias Gomes, expresso no seguinte diálogo:

ZÉ

(Pausa) O senhor me liberta... mas não foi ao senhor que eu fiz a promessa, foi a Santa Bárbara. E quem me garante que como castigo, quando eu voltar pra minha roça não vou encontrar meu burro morto.

MONSENHOR

Decida! Renega ou não renega?

[...]

ZÉ

Não! Não posso fazer isso! Não posso arriscar a vida do meu burro!

PADRE

Então é porque você acredita mais na força do demônio do que na força de Deus! É porque tudo que fez foi mesmo por inspiração do diabo!

MONSENHOR

Nada mais posso fazer então. (Atravessa a praça e sai)

ZÉ

(*Corre na direção de Monsenhor*) Monsenhor! Me deixe explicar! (*No auge do desespero*) Me deixe explicar!

PADRE

Que ninguém agora nos acuse de intolerantes. E que todos se lembrem das palavras de Jesus: “Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios, que, se possível fora, enganariam a muitos”. (GOMES, 2014, p. 115).

Ao morrer Zé do Burro se torna sua própria escolha, e apenas assim é capaz de realiza-la, e convence alguns a o seguirem. Após a morte de Zé do Burro, seu cadáver é carregado pelos capoeiristas trabalhadores do cais, sob a iniciativa de Mestre Coca, representante dos trabalhadores na trama de Dias Gomes. A morte de Zé soa como um grito ao povo, como o grito de Marx & Engels aos trabalhadores do mundo todo¹¹, grito que é entendido por Mestre Coca e seus companheiros, Zé e seu universo de escolhas – Zé-do-Burro – tronam-se a bandeira levantada pelo povo. Zé do Burro morreu para não ceder ao sistema, sua personagem se torna sua potência, e assim Dias Gomes cumpre seu projeto literário em *O pagador de promessas*. Como o próprio Dias Gomes diz:

Zé do Burro faz aquilo que eu desejaria fazer – morre para não conceder. Não se prostitui. E sua morte não é inútil, não é um gesto de afirmação individualista, porque dá consciência ao povo, que carrega o seu cadáver como bandeira (GOMES, 2014, p. 17).

Referências Bibliográficas

ABREU, Ovídio. Deleuze e a arte: o caso da literatura. Lugar Comum (UFRJ), v. 23-24, p. 200-209, 2008.

ANDRADE, Andréa Costa de. Diálogos filosóficos com Benedito Nunes. Manaus: Edua, 2013.

¹¹ Cf. MARX; ENGELS. Manifesto do partido comunista. – São Paulo: Editora escala, 2009. “Proletários de todos os países, uni-vos!”, com esta frase Marx e Engels convocam os proletários a saírem da alienação e entrarem na luta consciente contra a exploração.

- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulação. Lisboa: Relógio D'água, 1981.
- CANDIDO, Antonio, Literatura e Sociedade, 11. ed., Rio de Janeiro, 2010.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Cultrix, 1985.
- DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997.
- DELEUZE, Gilles. O que é filosofia? São Paulo: Editora 34, 2010.
- FREUD, Sigmund. Sobre os fundamentos para se destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada “neurose de angústia” In: Obras completas, vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GOMES, Dias. O pagador de promessas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- GOMES, Dias. O pagador de promessas. 36ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- LEONEL, M. C. M; SEGATTO, José Antonio. Sociologia e literatura. Estudos de Sociologia (São Paulo), v. 14, p. 427-444, 2009.
- MARX; ENGELS. A ideologia alemã. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.
- MARX; ENGELS. Manifesto do partido comunista. – São Paulo: Editora escala, 2009.
- NOVAES, Claudio C. Literatura e Ideologia: Revolução em Derrocada. Sitientibus. Revista da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, v. 01, n.13, p. 69-80, 1995.
- ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: veredas. 19ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- SARTRE, Jean-Paul. Que é a Literatura? - São Paulo: Ática, 1989.
- VASCONCELLOS, J. L. R. O pensamento e a cena: Teatro e Filosofia em Gilles Deleuze. Aisthe (Online), v. 3, p. 87-95, 2008.